Mas, para os objetivos que temos em vista, será suficiente que ele aprenda algo *sobre* psicanálise e que aprenda algo *a partir da* psicanálise. Afinal de contas, a formação universitária não equipa o estudante de medicina para ser um hábil cirurgião; e ninguém que escolha a cirurgia como profissão pode evitar uma formação adicional, sob a forma de vários anos de trabalho no departamento cirúrgico de um hospital.

'UMA CRIANÇA É ESPANCADA'

UMA CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO DA ORIGEM DAS PERVERSÕES SEXUAIS

(1919)

NOTA DO EDITOR INGLÊS

'EIN KIND WIRD GESCHLAGEN'

BEITRAG ZUR KENNTNIS DER ENTSTEHUNG SEXUELLER PERVERSIONEN

(*a*) EDIÇÕES ALEMÃS:

1919 *Int. Z. Psychoanal.*, **5** (3), 151-72.
1922 *S.K.S.N.*, **5**, 195-228.
1924 *G.S.*, **5**, 344-75.
1926 *Psychoanalyse der Neurosen*, 50-84.
1931 *Sexualtheorie und Traumlehre*, 124-55.
1947 *G.W.*, **12**, 197-226.

(*b*) TRADUÇÃO INGLESA:

'"A Child is being Beaten"
A Contribution to the Study of the Origin
of Sexual Perversions'.

1920 *Int. J. Psycho-Anal.*, **1**, 371-95. (Trad. de A. e J. Strachey.)
1924 *C.P.*, **2**, 172-201. (Os mesmos tradutores.)

A presente tradução inglesa é versão corrigida da publicada em 1924.

Numa carta a Ferenczi, datada de 24 de janeiro de 1919, Freud anunciava que estava escrevendo um artigo sobre o masoquismo. O artigo foi concluído e recebeu o presente título em meados de março de 1919, e foi publicado no verão do mesmo ano.

A maior parte do artigo consiste em um inquérito clínico muito detalhado sobre um tipo particular de perversão. As descobertas de Freud elucidaram particularmente o problema

do masoquismo, e, como está implícito no subtítulo, o artigo era também destinado a ampliar o nosso conhecimento sobre as perversões de um modo geral. Desse ponto de vista, pode ser considerado como um complemento ao primeiro dos *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* (1905*d*).

Além do mais, no entanto, o artigo inclui uma exposição, à qual Freud atribuiu considerável importância, dos motivos que colocam em ação a repressão, com especial referência às duas teorias sobre o tema, propostas respectivamente por Fliess e por Adler (cf. págs. 36-40). O *mecanismo* da repressão é exaustivamente discutido em dois artigos metapsicológicos de Freud — em 'Repressão' (1915*d*) e na Seção IV de 'O Inconsciente' (1915*e*); mas a questão dos *motivos* que conduzem à repressão, embora seja tocada na última parte da análise do 'Homem dos Lobos' (1918*b*), pág. 137 e seg., deste volume, em nenhum outro trabalho é mais plenamente examinada do que no presente artigo. Certamente era um problema que havia interessado Freud e o havia deixado perplexo desde os primeiros tempos, e existem muitas referências a ele na correspondência com Fliess (1950*a*). Já bem no fim da vida Freud voltou uma vez mais a esse problema, na última parte da sua 'Análise Terminável e Interminável' (1937*c*), onde novamente discutia as teorias de Fliess e de Adler.

'UMA CRIANÇA É ESPANCADA'

UMA CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO DA ORIGEM DAS PERVERSÕES SEXUAIS

I

É surpreendente a freqüência com que as pessoas que procuram um tratamento analítico para a histeria ou uma neurose obsessiva, confessam haver-se abandonado à fantasia: 'Uma criança é espancada.' É muito provável que haja exemplos ainda mais freqüentes em um número muito maior de pessoas que não foram obrigadas a procurar análise por causa de uma doença manifesta.

A fantasia tem sentimentos de prazer relacionados com ela e, por causa deles, o paciente reproduziu-a em inumeráveis ocasiões no passado, ou pode até mesmo ainda continuar a fazê-lo. No clímax da situação imaginária, há quase invariavelmente uma satisfação masturbatória — realizada, em outras palavras, nos órgãos genitais. De início, isso acontece voluntariamente, mas depois ocorre contra a vontade do paciente e com as características de uma obsessão.

É somente com hesitação que essa fantasia é confessada. O seu primeiro aparecimento é recordado com incerteza. O tratamento analítico do problema encontra inequívoca resistência. A vergonha e o sentimento de culpa são talvez mais intensamente provocados em relação a essa fantasia, do que quando são feitos relatos semelhantes de lembranças do início da vida sexual.

Eventualmente torna-se possível estabelecer que as primeiras fantasias dessa natureza foram nutridas muito cedo: certamente antes da idade escolar e jamais depois do quinto ou do sexto ano de vida. Quando a criança estava na escola e via outras crianças sendo espancadas pelo professor, essa experiência, se as fantasias estavam então dormentes, despertava-se de novo, ou, se ainda estavam presentes, reforçava-as e modifi-

cava-lhes perceptivelmente o conteúdo. A partir dessa ocasião, era 'um número indefinido' de crianças que estavam sendo espancadas. A influência da escola era tão clara que os pacientes em questão ficavam inicialmente tentados a atribuir as suas fantasias de espancamento exclusivamente a essas impressões da vida escolar, que tinham data posterior à do sexto ano de idade. Mas nunca lhes foi possível manter essa posição; as fantasias já existiam antes disso.

Embora nas séries mais adiantadas da escola não mais se batesse nas crianças, a influência dessas ocasiões era substituída, e mais do que substituída, pelos efeitos da leitura, e a importância destes em breve seria sentida. No *milieu* dos meus pacientes, eram quase sempre os mesmos livros cujo conteúdo dava um novo estímulo às fantasias de espancamento: aqueles acessíveis aos jovens, tais como os que eram conhecidos como *'Bibliothèque rose'*,[1] *A Cabana do Pai Tomás,* etc. A criança começava a competir com essas obras de ficção, produzindo as suas próprias fantasias e construindo uma riqueza de situações e instituições, nas quais as crianças eram espancadas, ou eram punidas e disciplinadas de qualquer outra forma, por suas traquinagens e seu mau comportamento.

Essa fantasia — 'uma criança é espancada', — era invariavelmente catexizada com um alto grau de prazer e tinha a sua descarga num ato de agradável satisfação auto-erótica. Poder-se-ia esperar, portanto, que a visão de outra criança sendo espancada na escola fosse também uma fonte de prazer semelhante. Na realidade, porém, isto jamais acontecia. A experiência das cenas reais de espancamento na escola produzia na criança que as testemunhava um sentimento peculiarmente excitado, que era provavelmente de caráter misto e no qual a repugnância tinha larga parcela. Em alguns poucos casos, a experiência real das cenas de espancamento era sentida como algo intolerável. Ademais, era sempre uma condição das fantasias mais sofisticadas, dos anos posteriores, que o castigo não causasse à criança qualquer dano mais sério.

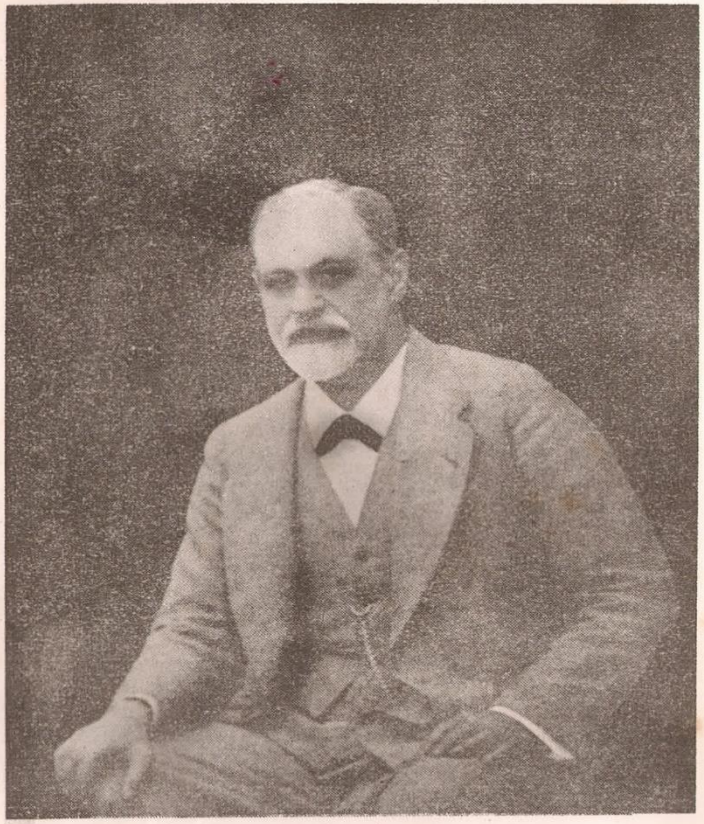
[1] [Famosa série de livros de Mme. de Ségur, dentre os quais *Les Malheurs de Sophie* era talvez o mais popular.]

A questão estava em conexão com saber que relação poderia haver entre a importância das fantasias de espancamento e o papel que esse castigo corporal de verdade poderia haver desempenhado na educação das crianças em casa. Foi impossível, por causa da parcialidade do material, confirmar a primeira suspeita de que a relação era inversa. Os indivíduos dos quais foram obtidos os dados para as análises haviam sido muito raramente espancados na infância, ou não haviam sido, em todo caso, educados com ajuda da vara. Naturalmente, contudo, cada uma daquelas crianças estava destinada a tomar conhecimento, mais cedo ou mais tarde, da força física superior dos pais ou educadores; o fato de que, em todo quarto de brinquedos ou jardim de infância, as próprias crianças chegam por vezes às vias de fato, não exige destaque especial.

No que diz respeito às fantasias simples e primitivas que não podiam, obviamente, ser atribuídas à influência das impressões escolares ou de cenas tiradas de livros, seria necessário maior informação. Quem era a criança que estava sendo espancada? A que estava criando a fantasia, ou uma outra? Era sempre a mesma criança, ou às vezes era uma diferente? Quem estava batendo na criança? Uma pessoa adulta? Se era, quem? Ou a criança imaginava-se a si mesma batendo em outra? Nada do que foi apurado pôde esclarecer todas essas perguntas; apenas a resposta hesitante: 'Nada mais sei sobre isto: estão espancando uma criança.'

As perguntas quanto ao sexo da criança que estava sendo espancada tiveram mais êxito, mas, ainda assim, nenhuma trouxe o esclarecimento. Às vezes a resposta era: 'Sempre rapazes', ou 'Apenas meninas'; com mais freqüência era: 'Não sei', ou 'Não importa'. No entanto, jamais foi constatado o ponto a que as perguntas se dirigiam, a descoberta de alguma relação constante entre o sexo da criança que cria a fantasia e o da criança que está sendo espancada. De vez em quando, surgia outro detalhe característico do conteúdo da fantasia: 'Uma criança está sendo espancada, estão-lhe batendo no traseiro nu.'

Nessas circunstâncias era impossível, de início, até mesmo decidir se o prazer relacionado à fantasia de espancamento deveria ser descrito como sádico ou como masoquista.



SIGMUND FREUD EM 1916

BIBLIOTECA
DO IEPP

EDIÇÃO *STANDARD* BRASILEIRA
DAS OBRAS PSICOLÓGICAS COMPLETAS DE

SIGMUND FREUD

Com os Comentários e Notas de James Strachey
Em colaboração com
ANNA FREUD

Assistido por
ALIX STRACHEY e ALAN TYSON

VOLUME XVII
(1917-1919)

HISTÓRIA DE UMA NEUROSE INFANTIL
e
OUTROS TRABALHOS

Tradução do Alemão e do Inglês sob a Direção-Geral
e Revisão Técnica de
JAYME SALOMÃO
Membro-Associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro. Membro da Associação Psiquiátrica do Rio de Janeiro. Membro da Sociedade de Psicoterapia Analítica de Grupo do Rio de Janeiro.

Coordenação Editorial de
PEDRO PAULO DE SENA MADUREIRA

IMAGO EDITORA LTDA.
Rio de Janeiro